

# ACONTECIMENTO OU EVENTO: A SINGULARIDADE DAS APARIÇÕES EM ALAIN BADIOU

## ACONTECIMENT OR EVENT: THE SINGULARITY OF THE APPARITIONS IN ALAIN BADIOU

Jean Jeison Führ<sup>1</sup>

*Aprovado em 13/08/2022*

*Recebido em 24/11/2022*

---

### RESUMO

O objetivo do presente artigo é apresentar de forma elucidativa alguns elementos teóricos e conceituais que recobrem discursivamente um mesmo campo epistemológico de análise das aparições do político no social. Começamos apresentando elementos conceituais propostos por Alain Badiou em diálogo com Marx, Lênin, Lacan, Lefort e Žižek. Buscaremos evidenciar como os mencionados autores podem constituir um mapa possível de análise discursiva do político no social. A proposta de uma análise discursiva do político no social termina invariavelmente apresentando o aspecto metodológico da Análise do Discurso principiada por Pêcheux e suas prováveis articulações com a Teoria do Discurso proposta por Laclau e Mouffe. Por fim, elucidamos como estes elementos discursivos apresentados possibilitam discorrer sobre as práticas ideológicas e discursivas do capitalismo atual, em que o cinismo é uma de suas expressões.

**Palavras-chaves:** acontecimento, evento, situação, singularidade, aparição, cinismo.

### ABSTRACT

The objective of this article is to present in an elucidative way some theoretical and conceptual elements that discursively cover the same epistemological field of analysis of the appearances of the political in the social. We begin by presenting conceptual elements proposed by Alain Badiou in dialogue with Marx, Lenin, Lacan, Lefort and Žižek. We will seek to show how they can constitute a possible map of discursive analysis of the political in the social. The proposal of a discursive analysis of the political in the social invariably ends up presenting the methodological aspect of the Discourse Analysis initiated by Pêcheux and its probable articulations with the Discourse Theory proposed by Laclau and Mouffe. Finally, we elucidate how these presented discursive elements make it possible to discuss the ideological and discursive practices of current capitalism where cynicism is one of its expressions.

**Keywords:** happening, event, situation, singularity, apparition, cynicism.

---

<sup>1</sup> Mestre licenciado em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Sociólogo graduado bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista pós-graduado em Saúde Pública (AVM Faculdades Integradas). Graduando em Ciências Jurídicas – Direito pela Universidade Feevale. Assessor Administrativo - funcionário público do município de Nova Hartz - RS. E-mail: jeansrock4@gmail.com

## ACONTECIMENTO OU EVENTO E OUTRAS APARIÇÕES DISCURSIVAS DO POLÍTICO

A Comuna de Paris, o Maio de 1968 e outras aparições do político são o tema de várias tentativas precárias de delimitações discursivas destes eventos que inauguraram rupturas com as cadeias significantes hegemônicas. Reunindo elementos esqueléticos de situação, sítio, singularidade, inexistente, evento ou acontecimento que foram propostos discursivamente por Alain Badiou (2012, p. 86) se apresenta um campo de discursividade que, juntamente com outros pensadores políticos, tentam elucidar, mesmo que precariamente, como os eventos Comuna de Paris e o Maio de 1968 enunciaram vazios constitutivos da universalidade sempre ausente da sociedade.

Os significantes que na língua portuguesa foram traduzidos como acontecimento ou evento não são estranhos às análises que Karl Marx (1818-1883) empreendeu das constantes convulsões revolucionárias da capital francesa: Paris. Marx “(...) considerando a França ‘a terra clássica da luta das classes’, escreveu as obras-primas que são *Lutas de classes na França, O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* e *A guerra civil na França* (BADIOU, 2012, p. 95, grifos do autor)” que enunciam o prenúncio de elementos significantes que na contemporaneidade são motivo de elucubrações discursivas de várias análises sociológicas.

Em uma das traduções portuguesas mais recentes da obra marxiana “O 18 de Brumário de Luís Bonaparte”, de forma intencional ou não, os elementos significantes **evento** e **acontecimento** já foram empregados em uma mesma cadeia significativa no qual Marx enuncia os efeitos contrarrevolucionários que advieram depois de 1848 com as sucessivas capitulações dos partidos políticos perante a instalação do ministério bonapartista:

(...) heróis sem feitos heroicos, história sem **eventos**; desenvolvimento, cujo único motor parece ter sido o calendário, exaurindo-se pela constante repetição das mesmas tensões e distensões; antagonismos que parecem aguçar a si mesmos periodicamente só para embotar-se e ruir sobre si mesmos sem conseguir chegar a uma resolução; esforços pretensiosamente encenados ao público e pavor burguês diante da ameaça do fim do mundo. (...). Pessoas e **acontecimentos** aparecem como *schlemihles*<sup>2</sup> *invertidos*, como sombras que perderam os seus corpos. A revolução paralisou os seus próprios agentes e dotou somente os seus adversários de fervorosa violência. (MARX, 2011, p. 56-57, grifos nossos)

<sup>2</sup> Referência à novela *Peter Schlemihls wundersame Geschichte* (tradução = A fantástica história de Peter Schlemihl), de A. von Chamisso (1814), em que o personagem principal Peter Schlemihl vende a sua sombra ao diabo (Nota do Tradutor da Obra Citada).

Marx retoma nesta passagem uma alegoria muito semelhante àquela que já havia utilizado na obra “Ideologia Alemã” (MARX; ENGELS, 1998, p. 19) escrita em conjunto com Friedrich Engels (1820-1895). A alegoria em questão se constitui na significação da ideologia e dos acontecimentos como **invertidos** quando não representam ou não refletem as condições materiais de existência dos indivíduos sempre já sujeitos de sua produção como postula Louis Althusser (1985, p. 93) e Slavoj Žižek (2003, p. 207), endossados junto ao pós-estruturalismo. Em termos discursivos, como lembra Brandão (2004, p. 28), a inversão da “(...) ideologia opera, assim, um estreitamento das possibilidades de interpretação dos acontecimentos”:

Ao enunciarmos discursivamente significantes conceituais como acontecimento ou evento na língua portuguesa, temos que ter a compreensão de que ambos se originam de uma mesma cadeia significativa. Uma cadeia significativa que em termos teóricos e epistemológicos significa sociologicamente ruptura com os discursos hegemonicamente formados. Na passagem comemorativa do quadragésimo aniversário da Comuna de Paris, Vladimir Illitch Lênin (1870-1924) publicou na “Rabochaya Gazeta” uma análise do evento que aconteceu de 18 de março a 28 de maio de 1871 na capital francesa:

A Comuna surgiu de maneira espontânea, ninguém a preparou de modo consciente e sistemático. (...). Foi um **acontecimento** histórico sem precedentes. Até então, o poder estivera, em geral, nas mãos dos latifundiários e dos capitalistas, quer dizer, de seus mandatários, que constituíam o chamado governo. (...). Porém, na sociedade moderna, o proletariado, avassalado no econômico pelo capital, não pode dominar na política se não rompe as **cadeias** que o atam ao capital. Daí que o movimento da Comuna deveria adquirir inevitavelmente um matiz socialista, quer dizer, deveria tender ao aniquilamento do domínio da burguesia, da dominação do capital, à destruição das próprias bases do regime social contemporâneo. (LÊNIN, 2011, p. 133, grifos nossos).

121

Lênin fez a aparição discursiva primeira do elemento **acontecimento** como **evento** que provoca a **ruptura** das **cadeias significantes** que atam o capital à estrutura de produção dos sujeitos. A partir dessa aparição, outros elementos conceituais serão enunciados por pensadores que tentam precariamente discursar sobre eventos que acontecem rompendo as cadeias de significação da hegemonia capitalista. Alain Badiou é um destes pensadores que em sua obra “Hipótese Comunista” (2012) articula uma série de significantes que tentam precariamente explicar situações que até suas aparições como acontecimento eram inexistentes como eventos: a Comuna de Paris, a Revolução Cultural Chinesa e o Maio de 1968.

Badiou (2012, p. 86) ordena sua “(...) narrativa com base em categorias novas (situação, aparecer, sítio, singularidades, evento, inexistente...)” que tentam precariamente enunciar como estas aparições do político rompem com as cadeias significantes hegemônicas do capital aventando do inexistente o existir da situação. O significante mais elementar e, ao mesmo tempo menos preciso, enunciado por Badiou é o de **situação**. Até porque uma situação para o autor é o significante menos importante em sua cadeia significativa de análise discursiva dos elementos datados historicamente.

A **situação** tem os contornos discursivos muito similares ao que se convencionou significar na língua portuguesa como sendo a conjuntura política do social. A situação nasce do encontro de circunstâncias consideradas como o ponto de partida para uma ação política na sociedade, ou como diria Badiou (2012, p. 108) toda “(...) situação tem ao menos um inexistente próprio”. Cabe aos sujeitos “(...) fazer na situação o inexistente existir (BADIOU, 2012, p. 108)”:

As proclamações da Comuna, primeiro poder operário da História universal, compõem um existente histórico, cuja absolutez indica que chegou ao mundo uma disposição totalmente nova de seu aparecer, uma mutação de sua lógica. A existência do inexistente é aquilo porque, no aparecer, sua subversão pelo ser subjacente se manifesta. Essa é a marca lógica de um paradoxo do ser. Uma quimera ontológica. (BADIOU, 2012, p. 108)

122

A Comuna de Paris é a subversão manifesta da primeira **aparição** do poder político detido nas mãos daqueles que até então não existiam no dia anterior: os proletários. A Comuna de Paris é o acontecimento eventual que faz existir o inexistente da situação anterior à sua aparição política. Na tradução da obra de Badiou para a língua portuguesa, o elemento mais importante que a situação é o **aparecer** que, em nossa compreensão, na verdade deveria ter sido traduzido por **aparição**.

Por que **aparição** ao invés de **aparecer**? Porque em nosso entendimento a Comuna de Paris ou eventos semelhantes são muito mais significativos do que um simples ato de começar a mostrar-se, expor-se, exhibir-se ou ser percebido como o verbo aparecer denota como significação junto à língua portuguesa. Eventos como a Comuna de Paris são significativos a ponto de serem denotadas em língua portuguesa como verdadeiras aparições fantasmagóricas e espectrais. Eventos revelam figuras imaginárias que até então eram consideradas inexistentes das situações discursadas junto ao real. Lembremos aqui como Marx alegoriza o preâmbulo do “Manifesto Comunista”. Para temor das potências

capitalistas do continente europeu, desde o evento da Comuna de Paris o espectro do comunismo fez a aparição política na sociedade.

O *Manifesto* abre-se com um preâmbulo que nos informa sobre uma natureza e sua função. Recordemo-nos de seu ponto de partida: “um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo. Todas as potências da Velha Europa concluíram uma santa aliança para acuá-lo”. Trata-se aparentemente de uma constatação. Disso, Marx tira duas conclusões: a primeira, o comunismo é universalmente reconhecido enquanto força (basta ouvir, ver o ódio, o medo que inspira – sob a fachada da lenda, da mentira, o fato é irrecusável); a segunda, “é tempo de os comunistas exporem abertamente [*offen darlegen*] à face do mundo inteiro sua maneira de ver, seus objetivos e suas tendências...”. Marx não enuncia essas conclusões em seu nome. “Com esse fim”, escreve, “os comunistas pertencentes às mais diversas nações reuniram-se em Londres e traçaram as grandes linhas deste manifesto...”. Assim, o autor desaparece, os comunistas falam através dele. (LEFORT, 1991, p. 183)

Toda aparição ou aparecer na tradução brasileira de Badiou (2012) tem uma intensidade de existência. Ela pode ser máxima ou não. Com isso, Badiou (2012, p. 104, grifos nossos) enuncia que denomina ser “(...) **fato** um **sítio** cuja intensidade de existência não é máxima (...)” e denomina ser “(...) **singularidade** um **sítio** cuja intensidade de existência é máxima”. Tanto fato quanto singularidade são escolhas estratégicas adotadas pelos sujeitos perante as situações conjunturais dadas tendo em vista as identificações ideológicas que os autores adotam.

Os **fatos** seriam as situações nas quais as aparições discursivas dos sujeitos seriam episódicas sem permanências de suas existências de forma intensa. Conforme Pedro (1997, p. 22, grifos nossos), a “(...) constituição dos **fatos**, dos acontecimentos e, sobretudo, da agência, concretamente nos aspectos que, de forma específica, se relacionam com a linguagem, o discurso, a ideologia e a sociedade” sempre ocorrendo em termos discursivos. Os fatos não perdem sua função social de existência, mas ao longo do contexto perdem sua função política de permanência significativa aos sujeitos.

As **singularidades**, por sua vez, não perdem nem sua função social de existência, nem sua função política de permanência. As singularidades são únicas, ou seja, não ocorrem de modo plural, mas isso não quer dizer que não sejam múltiplas em termos de intencionalidades ou significações. Por isso, Badiou (2012) vai enunciando gradações das possibilidades de existência das singularidades. Mesmo a singularidade ocorrendo numa determinada situação, pode não existir como aparição:

A singularidade se afasta mais da simples continuidade do que o fato, porque uma intensidade de existência máxima prende-se a ela. Se devemos distinguir agora entre singularidades fracas e fortes, devemos fazê-lo em relação aos vínculos de consequência que o sítio esvaecido tece com os outros elementos da situação que o apresentou no mundo. Para não nos prolongar, diremos que existir maximamente durante o tempo de seu aparecimento/desaparecimento dá ao sítio a força de uma singularidade. (BADIOU, 2012, p. 105)

O elemento **sítio** é a situação que irrompe com sua aparição na escolha estratégica entre vir a se identificar como fato ou como singularidade. O sítio é um “(...) múltiplo ao qual acontece de se compor na situação, tanto em relação a si mesmo quanto em relação a seus elementos, de modo que ele é o suporte de ser de seu próprio aparecimento (BADIOU, 2012, p. 98)”. Em outras palavras, quando em uma dada situação, os sujeitos escolhem estrategicamente se identificar por um múltiplo de possibilidades do inexistente em sua aparição, o sítio enunciado é uma singularidade e não um fato:

Nada, na ontologia do sítio, prescreve seu valor de existência. Um surgimento pode ser apenas um aparecimento local pouco “perceptível” (pura imagem, porque não há nenhuma percepção aqui). Ou ainda, um desaparecer pode não deixar nenhum vestígio. Contudo, pode muito bem acontecer de um sítio, ontologicamente afetado pelos estigmas da “verdadeira” mudança (autopertencimento e desaparecimento naquele momento), ser muito pouco diferente de uma simples continuação da situação, por sua insignificância existencial. (BADIOU, 2012, p. 103)

124

Como não há prescrição do valor de existência de um sítio, somente a escolha estratégica dos sujeitos entre a multiplicidade de significações é que denotará se a situação contextual será significada como fato ou como singularidade. Para Badiou (2012, p. 103), a “(...) lógica do sítio concerne à distribuição das intensidades em torno desse ponto desaparecido que é o sítio”. Poucos sítios em suas aparições foram significados como tendo a permanência de um **acontecimento** eventual ou **evento** acontecido. Um evento acontecido ou um acontecimento eventual são singularidades com fortes significações políticas, sociais e históricas. Poucos eventos ou acontecimentos conseguiram enunciar o rompimento com as cadeias significantes da hegemonia discursiva vigente. A Comuna de Paris, apesar de sua brevidade e da aparente significação dela como fracasso, inaugurou a aparição de escolhas estratégicas até então inexistentes para os sujeitos identificados como proletários. A Comuna de Paris enuncia a aparição do antagonismo das classes sociais como **sintoma** social:

O 18 de março é exatamente o primeiro dia desse *evento* que chamamos (que denominou a si mesmo) Comuna de Paris, isto é, o exercício do poder em Paris por militantes políticos republicanos ou socialistas e organizações operárias armadas, entre 18 de março e 28 de maio de 1871. Sequência que se fecha com o massacre de milhares de “rebeldes” pelas tropas do governo de Thiers e da assembleia reacionária. O que é exatamente, como conteúdo manifesto, esse início, esse 18 de março? Respondemos: o aparecimento do ser operário – até então **sintoma** social, força bruta dos levantes ou ameaça teórica – no espaço da capacidade política e governamental. (BADIOU, 2012, p. 99-100, grifos nossos)

O **sintoma** de aparição do ser operário identificado com as cadeias significantes da hegemonia capitalista, para Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981), foi articulado primeiramente em termos discursivos por Karl Marx, como bem nos lembra Žižek (1996, p. 305). Os elementos marxianos que articulam os sentidos da “crítica da ideologia” seriam “sintomáticos” da aparição primeira de ruptura heterogênea com as cadeias significantes que homogêizam as práticas discursivas hegemônicas:

Como podemos, então, definir o **sintoma** marxista? Marx “inventou o sintoma” (Lacan) mediante a identificação de uma certa fissura, de uma assimetria, de um certo desequilíbrio “patológico” que desmente o universalismo dos “direitos e deveres” burgueses. Esse desequilíbrio, longe de anunciar a “realização imperfeita” desses princípios universais - isto é, uma insuficiência a ser abolida pelo desenvolvimento ulterior -, funciona como seu momento constitutivo: o “sintoma”, estritamente falando, é um elemento particular que subverte seu próprio fundamento universal, uma espécie que subverte seu gênero. (ŽIZEK, 1996, p. 305, grifos nossos).

125

A ideia acima exposta nos enuncia um mapa de possibilidades com a qual podemos discorrer sobre elementos dispersos junto à discursividade do social. As enunciações de Marx, Lênin, Lacan, Badiou, Lefort e Žižek nos indicam significantes como situação, aparição / aparecer, fato, singularidade, sítio, evento ou acontecimento que podem dar conta de evidenciar o vazio constitutivo com que a universalidade ausente tenta se locupletar com as hegemonias consensualmente discursadas.

## A SINGULARIDADE DISCURSIVA DE APARIÇÃO DO SINTOMA

Diante do exposto até aqui, podemos nos questionar: por que os acontecimentos são tão eventuais em sua aparição como escolhas estratégicas dos sujeitos junto às situações políticas e sociais que marcam a desigualdade? Por que os sujeitos continuam se identificando com as cadeias significantes dos discursos hegemonicamente formados ao invés



de romperem com elas? Por que os sujeitos continuam a endossar os consensos hegemônicos dos discursos enunciados pelas práticas ideológicas que lhes oprimem por meio da exploração? Uma precária resposta perante estas questões pode evidenciar que o conceito de discurso não é tomado em toda a sua violenta radicalidade:

Deve-se conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo o caso; e é nesta prática que os **acontecimentos** do discurso encontram o princípio de sua regularidade. (FOUCAULT, 1999, p. 53, grifos nossos)

Michel Pêcheux (1938-1983), aluno de Michel Foucault (1926-1984), não se conformava com uma precariedade discursiva como esta enunciação citada evidencia o sintoma constitutivo de sujeitos explorados que se identificam com as práticas discursivas hegemônicas. Pêcheux, ao fundar a escola francesa da Análise do Discurso – AD, vai propor uma reapropriação do conceito de discurso sugerindo uma crítica remissiva à noção de formação discursiva que Foucault propunha:

A noção de “formação discursiva” emprestada a Foucault pela análise de discurso derivou muitas vezes para a idéia de uma máquina discursiva de assujeitamento dotada de uma estrutura semiótica interna e por isso mesmo voltada à repetição: no limite, esta concepção estrutural da discursividade desembocaria em um apagamento do acontecimento, através de sua absorção em uma sobre interpretação antecipadora. (PÊCHEUX, 2008, p. 56)

126

As diferentes vertentes da AD se inserem como elementos metodológicos e epistemológicos de toda uma leva de pensadores que são fiduciários ao que foi denominado como sendo o “giro linguístico”. O “giro linguístico” foi uma “(...) expressão que esteve em moda nos anos 1970 e 1980 para designar uma certa mudança que ocorreu na filosofia e em várias ciências humanas e sociais, e que as estimulou a dar uma atenção maior ao papel desempenhado pela linguagem (...)” (GRACIA, 2004, p. 19), ou seja, uma vertente de análise atenta às singularidades discursivas que são enunciadas pelos sujeitos nas aparições políticas na sociedade.

Desse modo, conforme Brandão (2004, p. 46), os pensadores do “giro linguístico”, ao analisarem “(...) a articulação da ideologia com o discurso”, alocam “(...) dois conceitos já tradicionais em AD (...): o de formação ideológica (que abreviaremos FI) e o de formação discursiva (FD)” para evidenciar não somente o sintoma da imposição dos sujeitos ao discurso, mas da própria imposição do discurso nos sujeitos.



A AD é somente uma das facetas de toda uma tradição epistemológica de pensadores imbuídos no conceito de discurso e conseqüentemente das implicações que o giro linguístico legou para as denominadas ciências humanas e sociais. A Teoria do Discurso, proposta a partir da publicação de *“Hegemonía y Estrategia Socialista: Hacia una radicalización de la democracia”* (1985) de Ernesto Laclau (1935-2014) e Chantal Mouffe (1943-), também se insere nesta tradição discursiva de análise social das aparições na política. Contribuições teóricas significativas da psicanálise lacaniana e de outras abordagens discursivas influenciam sobredeterminadamente no modo como estes autores analisam o político no social:

De fato, nessa longa tradição, encontramos diversos métodos crítico-teóricos epistemologicamente afins à análise lacaniana de discurso, entre eles a análise arqueológica de práticas discursivas que exercem um poder e constituem um saber historicamente determinado e institucionalmente respaldado (Foucault, 1969); a análise marxista estruturalista da materialidade discursiva da ideologia e da interpelação e determinação causal do efeito-sujeito (Althusser, 1970; Pêcheux, 1969, 1975); a análise marxista historicista da obra literária em seu aspecto ideológico e em seu horizonte histórico (Jameson, 1981); a desconstrução da estrutura do discurso a partir de suas diferenças intrínsecas e de suas inconsistências e omissões (Derrida, 1967, 1985); e a teoria de discurso, que analisa os fenômenos sociais e institucionais como construções políticas discursivas conflitivamente articuladas (Laclau; Mouffe, 1985). (PAVÓN-CUÉLLAR, 2014, p. 195)

127

A AD está inserida epistemologicamente no mesmo escopo de abordagem sociológica da Teoria do Discurso - TD incitada por Laclau e Mouffe (1985). Um destaque importante é que a “(...) análise de discurso deve ser idealmente um empreendimento interdisciplinar (FAIRCLOUGH, 2001, p. 276)”. Logo, a presença de elementos psicanalíticos lacanianos ou de outros campos disciplinares junto à AD, à TD ou ao denominado “giro linguístico” não são estranhas a esta perspectiva epistemológica. As intersecções entre os campos do conhecimento são justamente a escolha estratégica mais violenta em termos discursivos desta vertente epistemológica.

A própria AD, segundo Brandão (2004, p. 38), surge da articulação de “(...) três regiões do conhecimento: 1) o materialismo histórico (...); 2) a linguística (...); 3) a teoria do discurso (...)” assim como também a TD principiada por Laclau e Mouffe (1985); a AD articula-se com regiões do conhecimento que interseccionam a Psicologia, a Psicanálise, a Filosofia, a Ciência Política e outros campos disciplinares:

Laclau e Mouffe foram responsáveis pela introdução de Slavoj Žižek (1990) na sociedade britânica de debates teóricos no final de 1980, e eles têm sido pressionados, mais recentemente, por alguns de seus ex-alunos para fazer uso mais explicitamente das ideias psicanalíticas lacanianas (Stavrakakis, 2007). (PARKER, 2014, p. 79)

Nesta perspectiva epistemológica, o aporte de Chantal Mouffe e “(...) a teoria de Ernesto Laclau está fundada na ideia de que o social deve ser percebido a partir da lógica do discurso (MENDONÇA; RODRIGUES, 2008, p. 27)”. Laclau e Mouffe iniciam sua postulação mais conhecida (1985) promovendo toda uma remissão dos pressupostos de autores denominados marxistas e social-democratas que teriam constituído três grandes respostas perante as omissões que o materialismo histórico teria incorrido. Com base nisso, apresentam sua proposta de resposta postulando a perspectiva de perceber o campo do social como sendo constituído de forma discursiva.

## O SINTOMA CÍNICO DAS SITUAÇÕES COTIDIANAS

Percebendo o campo do social de forma discursiva e com aportes disciplinares da psicanálise laciana, temos toda uma reconfiguração na forma de análise social das aparições do político. A universalidade passa a ser pressuposta como uma ausência a ser preenchida por distintas práticas discursivas e ideológicas. No capitalismo, o preenchimento discursivo da universalidade ausente funciona interpelando os sujeitos para que se identifiquem com as práticas ideológicas e discursivas que são antagônicas perante suas condições materiais de existência:

O papel de sintoma que reconhecemos no funcionamento de um certo tipo de brincadeira (nas quais o que está, em última instância, em jogo é a *identidade* de um sujeito, de uma coisa ou de um acontecimento) com respeito à questão da interpelação-identificação ideológica nos leva a colocar, em ligação com esse sintoma, a existência do que chamamos (...) um *processo do significante*, na *interpelação-identificação*. (PÊCHEUX, 1995, p. 156)

O processo significativo de interpelação-identificação dos sujeitos, formulado por Pêcheux com base nas teses da ideologia propostas por Althusser (1985), revela o funcionamento de como os sujeitos são levados a constituírem suas identidades; como as interpelações-identificatórias do capitalismo articulam práticas discursivas e ideológicas que hegemonizam escolhas estratégicas situacionais como fatos e não como singularidades

de sítio. A aparição identificatória dos sintomas desse mesmo sistema produtivo são acontecimentos eventuais e não uma regularidade constante.

Segundo Olgária Chain Féres Matos (1998, p. 14), a Comuna de Paris, o Maio de 68 e eventos similares recusaram a “pobreza espiritual da sociedade regida exclusivamente por determinações econômicas” inaugurando a fé e o culto no “impossível” entendendo que “(...) a negação daquilo que parece ser o real é constitutivo da história da sociedade moderna”. A negação do real é o processo significativo por excelência que interpela identificando os sujeitos nesta escolha estratégica como fato e não como singularidade. A ruptura deste processo significativo, como singularidade sitiada, pode propiciar que um evento aconteça. Os acontecimentos para serem eventos ou os eventos para serem acontecimentos somente assim o são quando o impossível do inexistente passa a existir na possibilidade das situações sociais do político:

Na realidade, o evento tem como consequência levar a uma existência política, provisoriamente máxima, os operários inexistentes de um dia antes. Portanto, reconhecemos a singularidade forte pelo fato de que ela tem como consequência na situação fazer o inexistente existir. (BADIOU, 2012, p. 107)

Como as possibilidades de existência das práticas discursivas e ideológicas do capitalismo são hegemônicas junto aos processos significantes das situações políticas do social, a eventual estratégia dos sujeitos escolherem romper com suas interpelações identificatórias enunciará sempre a aparição de um acontecimento político. O campo do social perpassou inúmeras transformações desde primeira aparição da Comuna de Paris como sítio de singularidade máxima (e, por isso, sua permanência como acontecimento junto às cadeias significantes das práticas articulatórias). Entrementes para Badiou (2012, p. 123), mesmo que tais transformações tenham ocorrido nos processos significantes, o capitalismo tem reiterado enunciar os mesmos sintomas que provocaram a irrupção da Comuna de Paris, o Maio de 1968 e eventos semelhantes:

O paradoxo histórico é que, em certo sentido, estamos mais próximos dos problemas examinados na primeira metade do século XIX do que dos problemas que herdamos do século XX. Como por volta de 1840, estamos diante de um **capitalismo cínico**, certo de ser a única via possível de organização racional das sociedades. (BADIOU, 2012, p. 123)

O sintoma do descompasso existente entre as práticas discursivas e ideológicas do capitalismo e as condições materiais de existência dos sujeitos, descoberto por Marx, continua funcionando com toda a sua carga

interpelativa de identificação. O que muda, conforme Zizek (1992, p. 56-60), é que as cadeias significantes que interpelam os sujeitos não mais se bastam na célebre definição marxiana de crítica da ideologia: “disso eles não sabem, mas o fazem”; atualmente, os sujeitos se identificam de maneira mais cínica através da ideologia cuja definição seria “eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmos assim o fazem”.

Em outras palavras, os sujeitos são (in)conscientes de que suas práticas discursivas e ideológicas não refletem as condições materiais de existência, mas, como a hegemonia capitalista supostamente preenche esta universalidade ausente com seus discursos, é nesse engodo que os sujeitos se identificam. Mesmo que os discursos vigentes no capitalismo incorram em paradoxos e em contradições sintomáticas de sua precariedade discursiva, os sujeitos renunciam às possibilidades de aparição do acontecimento político em nome destes vazios discursos materiais:

Falar do **cinismo** significa tentar penetrar no antigo edifício da crítica à ideologia através de um novo aceso. Vai contra o uso linguístico designar o cinismo como um fenômeno universal e difuso; na ideia geral de que se têm do cinismo, este não é difuso, mas perfilado, não é universal, mas solitário e altamente individual. Estes adjetivos incomuns expressam algo de suas novas formas de manifestação, formas que o fazem demolidor e, ao mesmo tempo, intangível. (SLOTERDIJK, 2012, p. 38)

130

O cinismo como prática discursiva e ideológica do capitalismo vigente não é significadas necessariamente como uma prática imoral. É antes de tudo o requinte enunciativo de adotar práticas discursivas significadas como morais que preenchem o vazio de práticas ideológicas espúrias em seu caráter cínico. O cinismo é praticado nos fatos situacionais do cotidiano. O cinismo é a “(...) a integridade como uma forma suprema de desonestidade, a moral como uma forma suprema de depravação, e a verdade como a forma mais eficaz da mentira”, conforme Zizek (1996, p. 213) com base em Sloterdijk (2012):

Esse cinismo, portanto, é uma espécie de perversa “negação da negação” da ideologia oficial: confrontada com o enriquecimento ilícito, com o roubo, a reação cínica consiste em dizer que o enriquecimento lícito é muito mais eficaz e, além disso, é protegido por lei. Como disse Bertolt Brecht na *Ópera dos três vinténs*, “que é o roubo de um banco, comparado à fundação de um banco!”. (ZIZEK, 1996, p. 213)

O cinismo é uma das mais requintadas práticas discursivas e ideológicas dos processos significantes que interpelam os sujeitos de modo identificatório. Apesar de não ser a única prática discursiva e ideológica hegemonicamente consensual, o cinismo é preponderante como razão para

que hoje, apesar dos grandes paradoxos com os quais o capitalismo se contradiz, os sujeitos continuam escolhendo agir de modo com que as situações do político junto ao social tenham aparição como fato (singularidade mínima) e não como sítio (singularidade máxima) em sua possibilidade de permanência como acontecimento eventual.

A própria crítica à noção marxiana ou daquilo que se convencionou nas Ciências Sociais como sendo a noção ambivalente da ideologia já é uma razão cínica. Nega-se a utilidade do conceito de ideologia justamente porque ninguém mais a conceitua no papel de significante nas suas mais diversas significações. Em decorrência disso, ao invés de buscar a enunciação do sintoma, que a negação da negação do conceito de ideologia evidencia, os pensadores do social negam-se a si mesmos como sujeitos que articulam práticas discursivas e ideológicas.

Ao escolhermos estrategicamente o fato da singularidade mínima em nossos cotidianos, “(...) apenas imaginamos que *não* ‘acreditamos de verdade’ em nossa ideologia; apesar dessa distância imaginária, continuamos a praticá-la (...) (ZIZEK, 2011, p. 16) em detrimento de estrategicamente escolhermos a ruptura com as cadeias significantes que nos interpelam identificando na posição de sujeitos cínicos. Essa verdade é negada em detrimento da negação da negação de nossa condição sintomática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, neste discorrer discursivo, que os elementos teóricos e conceituais acima apresentados enunciam novas possibilidade de análise social das aparições do político. Possibilitam inclusive a análise discursiva das dificuldades com que os sintomas sociais do capitalismo se enunciam como escolha estratégica de suas aparições políticas, enquanto eventos ou acontecimentos significantes.

Os aportes metodológicos que a AD, a TD ou abordagens semelhantes (fiduciárias ao “giro linguístico”) ainda propiciam com que pesquisas sociológicas ou de outros campos disciplinares possam expor a precariedade sintomática dos discursos que preenchem a universalidade ausente do social com fatos políticos de singularidade mínima.

O cinismo é apenas uma das práticas discursivas e ideológicas que possuem alta possibilidade de interpelação identificatório dos sujeitos de modo a evitar que eles promovam a ruptura das cadeias significantes que os exploram e os submetem. Acreditar que o inexistente possa existir na

possibilidade do impossível é a cadeia significante com que muitos pensadores que citamos se identificavam de modo interpelativo. Se este acreditar é precário, mais precário ainda são as condições materiais de existência com as quais muitos pensadores negam-se a si mesmos ao desmerecer a crítica da ideologia ou as próprias possibilidades do político como evento ou acontecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BADIOU, Alain. **A Hipótese Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2012.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

GRACIA, Tomas Ibanez. *O "giro linguístico"*. In: IÑIGUEZ, Lupicínio. **Manual de análise do discurso em Ciências Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

LACLAU, Ernesto & MOUFFE, Chantal. **Hegemonía y Estrategia Socialista: Hacia una radicalización de la democracia**. Londres: Verso, 1985.

LEFORT, Claude. **Pensando o Político – Ensaio sobre a Democracia, Revolução e Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LENIN, Vladimir Illitch. **Em memória da Comuna**. *Revista Margem Esquerda*. Ensaio Marxistas, n.16, p. 133-138, 1911/2011.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.



MATOS, Olgária Chain Féres. Tardes de maio. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, **10**(2): 13-24, outubro de 1998.

MENDONÇA, Daniel de Mendonça; RODRIGUES, Léo Peixoto. **Pós-estruturalismo e teoria do discurso**: em torno de Ernesto Laclau. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

PARKER, Ian. *Análise do Discurso: dimensões da crítica na Psicologia*. In: LARA JR. Nadir; LIMA, Alúcio Ferreira de. **Metodologia de Pesquisa em Psicologia Social Crítica**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PAVÓN-CUÉLLAR, David. *Do método lacaniano crítico-teórico às suas reconfigurações prático-políticas em discursos concretos: questionamento da ideologia, compromisso do pesquisador e subversão do sujeito*. In: LARA JR. Nadir; LIMA, Alúcio Ferreira de. **Metodologia de Pesquisa em Psicologia Social Crítica**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio. 2. ed. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1995.

PEDRO, Emílio Ribeiro. **Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos**. In: PEDRO, Emília Ribeiro. **Análise Crítica do Discurso**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

SLOTERDIJK, Peter. **Crítica da razão cínica**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

ZIZEK, Slavoj. **Eles não sabem o que fazem**: o sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.

ZIZEK, Slavoj. *Como Marx inventou o sintoma*. In: ADORNO, Theodor W. et al.; ZIZEK, Slavoj (Org.). **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ZIZEK, Slavoj. **O mais sublime dos histéricos: Hegel com Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ZIZEK, Slavoj. **Primeiro como tragédia, depois como farsa.** São Paulo: Boitempo, 2011.